

NARDIM, Thaise Luciane. **Princípios da metodologia a/r/tográfica na pesquisa em artes da cena.** Doutorado em Artes da Cena. Orientação: Verônica Fabrini Machado de Almeida. II Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena UNICAMP, Campinas, Unicamp, 2014.

RESUMO

A a/r/tografia é uma metodologia de pesquisa educacional baseada em artes (PEBA), teorizada por pesquisadores da University of British Columbia, no Canadá. Este trabalho analisa os fundamentos teóricos dessa metodologia colocando-os em confronto com elementos da pesquisa acadêmica em artes da cena, buscando evidenciar os prováveis ganhos e os limites dessa relação.

Palavras-chave: a/r/tografia, artes da cena, metodologia de pesquisa.

RESUMEN

La a/r/tografía es una metodología de investigación educativa basada en las artes (IEBA) teorizada por investigadores de la University of British Columbia, Canadá. Este artículo analiza los fundamentos teóricos de esta metodología por su confrontación con los elementos de la investigación académica en las artes de la escena, para revelar las posibles ganancias y los límites de esta relación.

Palabras clave: a/r/tografia, artes de la escena, metodología de investigación.

A/r/tografia é o nome atribuído a uma abordagem metodológica proposta por um grupo de pesquisadores da Faculdade de Educação da Universidade da Columbia Britânica, no Canadá. A nomenclatura fundamenta-se no acrônimo *artist – researcher – teacher*, artista – pesquisador – professor, o que corresponde às três funções que deverá assumir o investigador que de tal abordagem lança mão, completando o termo a expressão de origem grega *grafia*, significando escrita. As relações de contínuo engendramento ou contaminação entre produção artística, produção de conhecimento e prática docente compõem o cerne da a/r/tografia, assim como a ela dão sua forma.

Prática de investigação arrolada às Pesquisas Educacionais Baseadas em Artes (PEBAs), a a/r/tografia compartilha com as demais abordagens do grupo o caráter qualitativo. As PEBAs têm como antecedentes as reflexões empreendidas pelas Ciências Humanas a partir de meados do século XX acerca da pertinência da do uso do método científico *strictu sensu* em suas pesquisas, dada a natureza de seu material e de suas questões.

Buscando investigar como utilizar os recursos da crítica artística para

criticar à educação, na década de oitenta do século XX, o educador americano Elliot Eisner deu início à elaboração do que viriam a ser os fundamentos teóricos do grupo das PEBA's. Junto a Tom Barone, Eisner trouxe à pauta acadêmica questionamentos sobre em que medida processos criativos em artes poderiam servir enquanto métodos em processos de investigação; em que medida, tomando as artes como referentes para uma investigação em um campo externo a elas – a educação – pesquisadores poderiam contatar conteúdos que através de outros métodos não se poderia alcançar e, por fim, como se poderia forjar uma prática de pesquisa que, pela sua natureza, contestasse o sentido comumente aceito do que é pesquisar. Assim, os dois autores empreenderam sua jornada investigativa no sentido da fundação de uma metodologia que inventasse modos próprios de olhar para e de representar uma experiência, utilizando elementos estéticos e/ou artísticos para produzir saber sobre aquilo que a forma-ciência não faz alcançar. De acordo com SPRINGWAY, ela

convida os educadores a repensar suas múltiplas subjetividades (como artistas, pesquisadores e professores) não como entidades separadas, mas como organismos que podem entrar em colisão, a fim de explorar o modo como os significados, os entendimentos e as teorias geradas se multiplicam, se entretecem e complicam (2008, 37)

A metodologia de pesquisa a/r/tográfica privilegia a forma artística imagética, promovendo entre ambos um contato híbrido que, em seu corpo teórico, é chamado de mestiçagem. A partir do uso desta abordagem, dissertações de mestrado e teses de doutoramento vêm sendo defendidas em diversas universidades do mundo, em que a elaboração visual dá-se em consonância ao registro escrito. Dada essa ênfase às questões da visualidade, cabe a pergunta: quais seriam as apropriações possíveis da a/r/tografia para uma pesquisa (educacional) em artes da cena?

Visto que o acrônimo a/r/t, como dito, fundamenta essa abordagem, propomos como exercício inicial a substituição da letra a, que corresponde ao artista (visual), pela letra p, de performer, resultando em p/r/t ou, em português, ppp – que, por sua vez, propõe a pppgrafia.

Qual será a natureza de performer-pesquisador-professor, o que é preciso para que ele emerga e como poderá ele operar? Buscando iniciar o

debate que poderá responder a essas questões, apresentamos a tese a seguir: a despeito da ausência de uma elaboração conceitual precisa, as obras realizadas por performers-pesquisadores-professores já estão em execução e acontecem tanto em espaços das artes da cena quanto em espaços de ensino. Dentre seus tipos, destacaremos dois deles: a performance-pedagogicamente engajada, forma mais afeita aos espaços institucionalmente reconhecidos como próprios das artes; e a aula-como-performance, forma amplamente desenvolvida nas instituições de ensino e educacionais das mais diversas naturezas. Para contribuir com a elaboração futura de uma tipologia das pppgrafias, apresentamos também a seguir a Perfografia, um contra-método de pesquisa-social-em-performance operado por um coletivo de artistas-educadores brasileiros.

A performance pedagogicamente engajada é uma forma de arte contemporânea de fundamento participativo, colaborativo ou dialógico, caracterizada seja pela apropriação de formas tradicionais da educação para uso em contexto artístico, seja por um certo caráter didático mais ou menos explícito na elaboração de suas lacunas participativas. Sua apresentação tem suas raízes em artistas-educadores como Allan Kaprow e Joseph Beuys, artistas que em meados do século XX operaram também como pensadores, tendo redigido uma série de artigos e livros em que registram suas investigações, e como docentes, ambos no contexto da formação universitária de artistas mas mantendo em comum uma visão ampliada do papel social desse profissional.

Aula-como-performance é um conjunto de práticas de ensino escolar especialmente preocupadas com o caráter estético da experiência de aprendizagem. Dentre elas estão desde metodologias de ensino reconhecidas como próprias ao campo da Pedagogia Teatral, como o Professor-Personagem e o Drama como Método, até aquelas que se afastam de objetivos de ensino das técnicas artísticas, como a Pedagogia da Autonomia proposta por Paulo Freire, principal referência do campo de estudos que nos Estados Unidos ficou conhecido como Pedagogia da Performance – campo de investigação sobre as aulas-como-performance ministradas nas mais diversas disciplinas.

Já a Perfografia, forma dentre as três cujo fundamento parece mais engajado com a investigação, trata-se de uma prática em processo de enunciação teórica disparada pelo Coletivo Parabelo, agrupamento de artistas brasileiros sediados em São Paulo. Segundo suas palavras,

Perfografia é a proposta híbrida que reúne performance como linguagem artística e cartografia para a constituição de um *hódos metá* uma inversão metodológica, etimológica e conceitual do que se convencionou chamar de método (do grego *metá hódos*, caminho rumo a um objetivo), feita através da escolha de uma postura na qual o cartógrafo não preestabelece um caminho (*hódos*) em direção a uma meta (*metá*), mas sim aposte nos caminhos, nos trajetos, nos percursos, em suma, na experimentação dos processos criativos. O que não implicaria em uma falta de rigor com a pesquisa, uma vez que estes processos/caminhos estariam diretamente implicados com a potência de vida de todos os envolvidos. Esta investigação em torno dos híbridos perfógrafo e perfografia é desenvolvida pelo Coletivo Parabelo desde 2011, nas ruas de diferentes periferias da metrópole paulistana, neste caso, o texto se refere ao terceiro bairro perfografado neste mesmo ano, a Vila Galvão, Guarulhos” (RACHEL, 2013, 120).

Fazendo eco à pergunta de Eisner que dá título a um famoso artigo, “o que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?” (2008, 5), convém propor que, para que as práticas dos performers-pesquisadores-professores possam aproximar-se positivamente da a/r/tografia, assumindo assim como ela seu espaço na academia contemporânea, talvez caiba elaborar formas de escrita condizentes com sua matéria, “uma escrita performativa como uma estratégia de representação poética, que tem uma vez mais transformado aquilo que entendemos e desenvolvemos como performance” (PINEAU, 2010, 90). Ao mesmo tempo, e aproveitando para abrir caminho para diálogos futuros, considerando que “a descoberta que forma e conteúdo são inseparáveis é uma das lições que as artes mais profundamente ensinam” (EISNER, *op. cit.*, 12) não seria a própria aula, e não o formato escrito, a forma por excelência do produto de uma pesquisa educacional baseada nas artes da cena?

Referências Bibliográficas

BARONE, Tom; EISNER, Elliot. Arts-Based Educational Research. GREEN, Judith.; CAMILLI, Gregory.; ELMORE, Patrícia. **Complementary Methods in Education Research**. Washington: Lawrence Erlbaum Associates, pp.95-103, 2006.

EISNER, Elliot. O que pode a Educação aprender das Artes sobre a prática da Educação? **Currículo sem Fronteiras**, V.8, n.2, pp.5-17, 2008.

PINEAU, Elyse Lamm. Nos cruzamentos entre a performance e a pedagogia: uma análise prospectiva. **Educação & Realidade**, n. 35, v. 2, p. 89-113, mai.-ago, 2010.

RACHEL, Denise Pereira. **Adote um artista, não deixe ele virar professor – reflexões em torno do híbrido professor-performer**. Dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual Paulista sob orientação da Profa. Dra. Carminda Mendes André. São Paulo, não publicada, 2013.

SPRINGGAY, Stephanie et al. (Org.) **Being with A/r/tography**. Amsterdam: Sense Publishers, 2008.